

IX ENCONTRO MUNDIAL DAS FAMÍLIAS
DUBLIM, 21-26 DE AGOSTO DE 2018
O EVANGELHO DA FAMÍLIA: ALEGRIA PARA O MUNDO

TERCEIRA CATEQUESE: O GRANDE SONHO DE DEUS

“NÃO SABÍEIS QUE DEVIA ESTAR EM CASA DE MEU PAI?” (Lc 2,49)

*Para nós, que acreditamos que o Esposo aparece sempre na sua beleza.
É Belo como Deus, porque é o Verbo é Deus;*

*É formoso no seio da Virgem,
onde não perdeu a sua divindade e assumiu a nossa humanidade;
formoso como Palavra recém-nascida;
enquanto se amamentava, enquanto era levado nos braços,
os céus falaram, os anjos cantaram louvores,
uma estrela guiou os Magos,
foi adorado no presépio, ele que é alimento para os pacíficos.*

*É, por isso, formoso no céu, formoso na terra;
formoso no seio materno, formoso nos braços de seus pais:
formoso nos milagres, formoso nos suplícios;
formoso ao convidar à vida, formoso não se preocupando com a morte,
formoso entregando a vida e formoso ao recuperá-la;
formoso na cruz, formoso no sepulcro, formoso no céu.*

*Escutai este cântico para o entender,
e que a debilidade da carne não desvie o vosso olhar
do esplendor da sua formosura.
A suprema e autêntica beleza é a justiça;
não verás ninguém ser formoso, se o considerares injusto;
se é totalmente justo, também é formoso.*

(S. Agostinho, Comentário sobre os Salmos, 44, 3)

“Não sabíeis que devia estar em casa de meu Pai?” (Lc 2,49): são as únicas palavras que os Evangelhos nos transmitem de Jesus aos doze anos. Nenhuma outra exclamação ou afirmação ou palavra d’Ele naquela idade. Certamente, estamos diante duma expressão bastante complexa que, à primeira vista, nos faria perceber quase uma falta de respeito de Jesus com José e Maria, como se estivesse surpreendido e indignado, porque os seus pais deveriam ter sabido o motivo da sua permanência no templo de Deus, sem necessidade de os avisar. Na realidade, por trás destas palavras um tanto enigmáticas, oculta-se o mistério de sua Filiação e o mistério da filiação de todo o homem, porque todo filho do homem, mesmo antes de ser gerado no ventre materno, antes mesmo de ser desejado pelos pais (e quantas vezes não desejado porque chega quando não tinha sido programado), sempre foi cobiçado pelo coração de Deus.

Deste modo, o Papa Francisco afirma com determinação: *«cada criança, que se forma dentro de sua mãe, é um projeto eterno de Deus Pai e do seu amor eterno: “Antes de te haver formado no ventre materno, Eu já te conhecia; antes que saíesses do seio de tua mãe, Eu te consagrei” (Jr 1, 5). Cada criança está no coração de Deus desde sempre e, no momento em que é concebida, realiza-se o sonho eterno do Criador. Pensemos quanto vale o embrião, desde que é concebido! É preciso contemplá-lo com este olhar amoroso do Pai, que vê para além de toda a aparência.»* (AL 168). Não é apenas Jesus, enquanto Filho de Deus, que é chamado a ocupar-se das coisas de Seu Pai, mas cada filho, uma vez que nunca é propriedade de seus pais, pertence ao Pai Celestial. O Pai tem, desde sempre, para cada um dos seus filhos, um sonho tão grande e surpreendente, que ultrapassa a imaginação e as expectativas de seus pais terrenos.

A pergunta fundamental, portanto, é esta: qual é o sonho de Deus para cada homem? O que sonha Ele realmente, para que cada um dos seus filhos torne a sua vida grande e extraordinária? São João Paulo II responde a esta pergunta com extraordinária rapidez e profundidade: *«o homem não pode viver sem amor. Ele permanece para si próprio um ser incompreensível e a sua vida é destituída de sentido, se o amor não lhe for revelado, se não se encontra com ele, se não o experimenta e se não o torna algo pessoal, se nele não participa vivamente»* (Redemptor hominis 10). Fala-se, justamente, da revelação do amor, do encontro com o amor, da experiência e também da participação no amor, para significar que, mais do que um movimento interior da alma ou um ato de entrega pessoal, o amor revelado, encontrado, experimentado e partilhado é uma Pessoa concreta, uma Pessoa viva, é o próprio Cristo que *«ao revelar o mistério do Pai e do seu amor também revela plenamente o homem ao próprio homem e lhe mostra a sua altíssima vocação»* (Gaudium et spes 22). Deus não tem nenhum sonho de amor abstrato ou idílico, para cada um de nós. No Filho, n’Aquele que, para espanto de José e Maria, responde que deve ocupar-se das coisas de Seu Pai, se nos revela o caminho verdadeiro e concreto do amor. E o amor tem a sua própria linguagem específica, a sua expressão original, a sua maneira própria de se tornar carne. Qual? A nupcial! É por isso que o Papa Bento XVI afirma que só *«o matrimónio baseado num amor exclusivo e definitivo se torna o ícone do relacionamento de Deus com o seu povo e, vice-versa, o modo de Deus amar torna-se a medida do amor humano»* (Deus caritas est 11).

Na verdade, existe um *«vasto campo semântico da palavra «amor»: fala-se de amor da pátria, amor à profissão, amor entre amigos, amor ao trabalho, amor entre pais e filhos, entre irmãos e familiares, amor ao próximo e amor a Deus. Em toda esta gama de significados, porém, o amor entre o homem e a mulher, no qual concorrem indivisivelmente corpo e alma e se abre ao ser humano uma promessa de felicidade que parece irresistível, sobressai como arquétipo de amor por excelência, de tal modo que, comparados com ele, à primeira vista todos os demais tipos de amor se ofuscam»* (Deus caritas est 2). É o amor nupcial entre o homem e a mulher, que revela a excelência do amor de Deus realizado em Cristo. É uma linguagem que esconde um verdadeiro e Grande Mistério. Pensar que Deus assumiu tal amor, para revelar o Seu coração à humanidade, é afirmar apenas uma parte da verdade do mistério.

Certamente, ao lermos toda a Escritura, especialmente os livros proféticos, vemos como Deus se serve tão frequentemente da linguagem nupcial, para exprimir e revelar a Sua relação única com o povo eleito de Israel. Todavia, antes disto, não só cronologicamente, mas também e acima de tudo teologicamente, no mistério divino oculta-se uma verdade muito maior: Deus não assume o amor nupcial para se revelar, mas o amor nupcial foi sempre a revelação por excelência do rosto de Deus. *«O casal que ama e gera a vida é a verdadeira «escultura» viva (não a de pedra ou de ouro, que o Decálogo proíbe), capaz de manifestar Deus criador e salvador. [...] Sob esta luz, a relação fecunda do casal torna-se uma imagem para descobrir e descrever o mistério de Deus, fundamental na visão cristã da Trindade que, em Deus, contempla o Pai, o Filho e o Espírito de amor. O Deus Trindade é*

comunhão de amor; e a família, o seu reflexo vivente. [...] Este aspeto trinitário do casal encontra uma nova representação na teologia paulina» (AL 11). Quando o apóstolo Paulo escreve na sua Carta aos Efésios: «*Por isso, o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher, e os dois serão uma só carne. Este mistério é grande – digo-o a respeito de Cristo e da Igreja!*» (Ef 5,31-32), afirma que na criação de Adão e Eva, ao serem criados para formar uma só carne, Deus sempre pensou no Grande Mistério, referindo-se a Cristo e à Igreja. Desde a fundação do mundo, mesmo antes de moldar Adão e tirar uma costela de seu lado e revesti-la com carne para criar Eva, Deus olhou para Seu grande sonho, para o Grande Mistério de Cristo e da Igreja, que hoje nos é revelado no Filho. Por este motivo, o Papa Francisco afirma com convicção que «*querer formar uma família é ter a coragem de fazer parte do sonho de Deus, a coragem de sonhar com Ele, a coragem de construir com Ele, a coragem de unir-se a Ele nesta história*» (AL 321). Este Mistério Grande não é um ideal ou uma verdade, mas é um acontecimento real com uma forma concreta, a cruz, que nunca ninguém teria esperado e que é continuamente representada na nossa história, de um modo sempre novo e criativo. Como? Onde? Quando? «*Os esposos são, portanto, para a Igreja a lembrança permanente do que aconteceu na Cruz; são um para o outro, e para os filhos, testemunhas da salvação, do qual o sacramento os faz participar*» (FC 13 retomou em AL 72).

Todas estas razões fazem vacilar o generalizado conhecimento do sacramento do Matrimónio, como algo superficial e distorcido: não pode ser entendido e vivido como «*uma convenção social, um rito vazio ou o mero sinal externo dum compromisso. O sacramento é um dom para a santificação e a salvação dos esposos, porque «a sua pertença recíproca é a representação real, através do sinal sacramental, da mesma relação de Cristo com a Igreja*» (AL 72). Uma vez que estamos a falar sobre o Grande Mistério, do qual as palavras humanas nunca poderiam exprimir plenamente a profundidade, a amplitude, a altura e a grandeza, o Papa Francisco escreve, em linguagem mais próxima que «*o sacramento não é uma “coisa” nem uma “força”, mas o próprio Cristo, na realidade, “vem ao encontro dos esposos cristãos com o sacramento do Matrimónio. Fica com eles, dá-lhes a coragem de O seguirem, tomando sobre si a sua cruz, de se levantarem depois das quedas, de se perdoarem mutuamente, de levarem o fardo um do outro”. O matrimónio cristão é um sinal que não só indica quanto Cristo amou a sua Igreja na Aliança selada na Cruz, mas torna presente esse amor na comunhão dos esposos*» (AL 73).

O mesmo e idêntico amor de Cristo entregue na cruz pela Igreja é o mesmo amor dos esposos e vice-versa. Deste modo, realiza-se uma extraordinária equação, que nos faz tremer só em pensar nisso. Os esposos, em virtude da graça do sacramento do Matrimónio, amam-se divinamente, amam-se a partir de Deus. Onde alcançou Deus o vértice do Seu amor? «*Deus amou tanto o mundo que lhe deu o seu Filho único*» (Jo 13,18). Os esposos realizam e mostram ao mundo inteiro a loucura de tal amor divino. Como afirma o Papa Francisco, «*toda a vida em comum dos esposos, toda a rede de relações que hão de tecer entre si, com os seus filhos e com o mundo, estará impregnada e fortalecida pela graça do sacramento que decorre do mistério da Encarnação e da Páscoa, em que Deus exprimiu todo o seu amor pela humanidade e se uniu com ela. Os esposos nunca estarão sós, com as suas próprias forças, a enfrentar os desafios que surgem. São chamados a responder ao dom de Deus com seu esforço, a sua criatividade, a sua perseverança e a sua luta diária, mas poderão sempre invocar o Espírito Santo que consagrou a sua união, para que a graça recebida se manifeste sempre em cada nova situação*» (AL 74).

Certamente o seu amor é um «*sinal imperfeito do amor entre Cristo e a Igreja*» (AL 72), e «*a analogia, entre o casal marido-esposa e Cristo-Igreja, uma analogia imperfeita*» (AL 73), porque o Matrimónio, mesmo o mais bem-sucedido, o mais realizado e o mais santo, não pode e nunca deve ser a realização de uma pessoa. A causa de tantos sofrimentos familiares é precisamente esta: a convicção generalizada e comum de que o próprio Matrimónio é conseguir o objetivo final tão

desejado. Não é o amor nupcial com o próprio cônjuge que nos proporciona a felicidade humana, uma vez que não existe nenhum cônjuge que não tenha limites, dificuldades ou fragilidade e, por conseguinte, não pode responder às grandes expectativas de amor, que uma pessoa possa ter. O Matrimónio nunca é o fim, mas *«nas alegrias do seu amor e da sua vida familiar, Ele dá-lhes, já neste mundo, um antegoço do festim das núpcias do Cordeiro»* (AL 73). Os esposos estão, portanto, destinados não ao matrimónio terreno, mas ao eterno: as núpcias de Cristo, Esposo, com a Igreja, Esposa. Ao perder esta orientação fundamental, a própria aliança matrimonial perde o seu significado e a sua solidez. É o eterno que dá gosto e verdadeiro sabor ao humano, mas sem esta referência tudo se torna insípido e perde o seu rumo, causando crises conjugais e familiares generalizadas que hoje não poupam ninguém. O Matrimónio é tão só o aperitivo da felicidade, mas não a felicidade em si mesma. Desejas a felicidade? Não te esforces em construir uma morada eterna no Matrimónio para a encontrar. O Matrimónio é a verdadeira porta de entrada na vereda que conduz à alegria plena, todavia deter-se na porta equivale a arriscar-se a nunca participar no banquete das bodas eternas.

Deste modo, torna-se urgente e necessária uma verdadeira proclamação do Evangelho de Jesus Cristo às famílias, mostrando como *«na encarnação, Ele assume o amor humano, purifica-o, leva-o à plenitude e dá aos esposos, com o seu Espírito, a capacidade de o viver, impregnando toda a sua vida com a fé, a esperança e a caridade. Assim, os cônjuges são, de certo modo, consagrados e, por meio duma graça própria, edificam o Corpo de Cristo e constituem uma igreja doméstica»* (AL 67). Aqui não se trata de cuidar da dimensão religiosa ou espiritual das famílias, mas de fazê-las experimentar a extraordinária obra redentora, que Cristo realiza na nossa humanidade: sem Ele o amor humano nunca seria o mesmo e perderia a sua beleza original.

Portanto, a comunidade eclesial deve necessariamente empregar todas as suas energias nas famílias, porque se é verdade que *«o bem da família é decisivo para o futuro do mundo e da Igreja»* (AL 31), da mesma forma *«a Igreja, para compreender plenamente o seu mistério, olha para a família cristã, que o manifesta de forma genuína»* (AL 67). O Grande Mistério de Cristo e da Igreja está em jogo na família. Por outras palavras, ao salvar a família não só a Igreja chega a ser ela própria, como Deus mostra o seu Rosto ao mundo na carne humana das relações familiares, cumprindo assim o seu grande sonho para a humanidade.

EM FAMÍLIA

Reflitamos

1. O Grande Sonho que Deus tem para o homem tem alguma relação com o sonho que o homem tem para si?
2. O Matrimónio não é a felicidade, mas tão só o aperitivo da felicidade. Que consequências práticas tem esta afirmação na vida conjugal e familiar?

Vivamos

1. *«Toda a vida em comum dos esposos, toda a rede de relações que hão de tecer entre si, com os seus filhos e com o mundo, estará impregnada e fortalecida pela graça do sacramento que decorre do mistério da Encarnação e da Páscoa, em que Deus exprimiu todo o seu amor pela humanidade e se uniu com ela. Os esposos nunca estarão sós, com as suas próprias forças, a enfrentar os desafios que surgem. São chamados a responder ao dom de Deus com seu esforço, a sua criatividade, a sua perseverança e a sua luta diária, mas sempre poderão invocar o Espírito Santo que consagrou sua união, para que a graça recebida se manifeste*

sem em cada nova situação» (AL 72). Como atua o Espírito Santo na vossa vida conjugal e familiar?

2. Amar-se a partir de Deus. Amar-se divinamente. Amar-se como Cristo amou a Igreja, entregando a Sua vida na Cruz. Como se pode realizar isto?

Na Igreja

Refletamos

1. Porque é que a proclamação do Evangelho do matrimónio e da família tem dificuldade em entrar na pastoral da Igreja?
2. Na família está em jogo o Grande Mistério de Cristo e da Igreja. O que significa isto?

Vivamos

1. *«A Igreja, para compreender plenamente o seu mistério, olha para a família cristã, que o manifesta de forma genuína» (AL 67). Como é possível realizar isto?*
2. Se verdadeiramente *«o bem da família é decisivo para o futuro do mundo e da Igreja» (AL 31)*, como deveria operar a pastoral da Igreja?